

IV ENEC - Encontro Nacional de Estudos do Consumo
Novos Rumos da Sociedade de Consumo?
24, 25 e 26 de setembro de 2008 - Rio de Janeiro/RJ

Os atores envolvidos na construção social do gosto alimentar infantil e suas relações

Bonnie Moraes Manhães de Azevedo¹

PPGA/UFF

azevedobonnie@yahoo.com.br

Resumo

Este artigo propõe avaliar quem são os principais atores envolvidos no processo de construção do gosto alimentar infantil bem como as relações articuladas entre eles, a partir de um investimento de pesquisa realizado em Campos dos Goytacazes, cidade situada no Norte Fluminense. Nessas relações se apresenta uma rede de acusações relacionadas às insatisfações que remetem ao quadro geral de mudanças globais associadas à medicalização da alimentação e dos novos usos do tempo, levando à diminuição do tempo dedicado ao comer. Este estudo, embora imerso em um contexto de formação histórica do gosto, é um corte sincrônico, referindo-se a uma faixa etária específica, de uma determinada época e lugar, no contexto da sociedade brasileira. Para alcançar o objetivo deste artigo, trarei à tona alguns dos valores, estratégias, conflitos e ideologias que estão imersos na construção do gosto, de acordo com as opiniões e comportamentos dos diversos atores.

Palavras-chave: construção social do gosto – atores sociais – alimentação infantil

¹ Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Norte Fluminense e Mestre em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense.

Introdução

“O mundo da criança é habitado por outras pessoas. Esta logo aprende a distinguir entre pessoas, e algumas delas assumem uma importância toda especial. Desde o início a criança desenvolve uma interação não apenas com o próprio corpo e o ambiente físico, mas também com outros seres humanos. A biografia do indivíduo, desde o nascimento, é a história de suas relações com outras pessoas.” (BERGER; BERGER, 1975)²

O comer no cotidiano contemporâneo

Embora nos consideremos, na maioria das vezes, plenos senhores de nossas escolhas alimentares, de nosso apetite e de nosso julgamento de gosto, ao analisarmos a alimentação do ponto de vista cultural, percebemos que há forças sócio-culturais de suma importância envolvidas. Juntamente com nossas experiências gustativas pessoais, elas moldam o que chamamos de gosto. Dessa forma, as classificações alimentares são pautadas em lógicas culturais anteriores a nós, mas nem por isso totalmente fora de nossa esfera de influência, uma vez que a reprodução dos atuais hábitos alimentares depende da forma como a nossa geração o orienta. É por essa razão que as escolhas determinantes dos nossos hábitos alimentares são tão importantes. Elas refletem o passado e anunciam o futuro.

Warde et alli (2007) afirmam que não é possível pensar a alimentação contemporânea ignorando as mudanças advindas com a globalização. Tais mudanças ocorrem desde os conteúdos da alimentação às relações entre as pessoas, bem como entre essas e o tempo individual e social dispensado à atividade de cocção e ao consumo alimentar. Os novos usos do tempo levam-nos a fazer nossas refeições cotidianas ‘no automático’. Como diria Ortiz, *‘Perder tempo é estar em descompasso com a ordem das coisas.’* (ASSUNÇÃO, 2007, p. 72)

Podemos afirmar que o mundo – representado pelo conteúdo e pela forma dos alimentos das mais diversas culturas – está a um supermercado de distância. A oferta aumentou, bem como a curiosidade de muitos consumidores. Os novos produtos chegam constantemente e apresentam novas possibilidades para nosso cardápio. As novas tecnologias domésticas surgem a todo o momento e facilitam a alimentação. Os processos de individualização³ e informalização⁴ nas rotinas alimentares relatados por Warde (1997)

² Texto traduzido: *‘Socialização: como ser um membro da sociedade.’* Traduzido por Richard Paul Neto. In: WAIZBORT, L.; NEIBURG, F.(orgs). *Escritos & ensaios: Estado, processo, opinião pública*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 21-33.

³ No processo de individualização, o indivíduo se destaca das situações institucionais nas quais foi previamente socializado. Nos manuais de cozinha é possível perceber que o tom de autoridade mudou para o de apresentação de variedades, de aconselhamento ao consumidor. (WARDE, 1997).

⁴ Já a informalização implica que o comportamento social se tornou menos autoritariamente regulado. Essa informalidade poderia ser atribuída à individualização, já que alguns de seus elementos se relacionam ao afrouxamento das regras que governam o comportamento nos eventos alimentares, como comer sozinho na sala de estar ou no quarto assistindo à televisão.

também estão presentes e considero-os parte constituinte das recentes mudanças. A necessidade de satisfação dos desejos individuais é crescente e essa lógica é estendida às crianças.

Paralelo a esses processos e, arriscaria dizer que em parte causa deles, temos a influência da mídia, tanto na apresentação dos produtos da indústria alimentícia conhecidos como ‘porcarias’ quanto na difusão do discurso da alimentação saudável, além do desenvolvimento de uma medicalização da alimentação, levando a ciência à cozinha.

Como afirma Fischler (1986), ‘balanceada’ parece ser a palavra de ordem com relação à alimentação, mas, ao contrário do que muitos podem pensar, esta tendência não é tão recente.⁵ A sensação de que houve um ‘boom’ nas últimas décadas quanto à preocupação com a saúde alimentar se deve ao alcance que ela passou a ter nos meios de comunicação de massa e, conseqüentemente, na vida cotidiana. Isso não implica que todas as informações transmitidas a partir das orientações dos especialistas sejam incorporadas no cotidiano das famílias, já que hábitos são muito difíceis de serem mudados. (CONTENTO Et Alli, 1993; GIARD, 1998 In ROTENBERG, VARGAS, 2004; FISCHLER, 1986; WARDE, 1997)

A influência ‘positiva’ da mídia, ao difundir as informações para que o consumidor possa ter uma alimentação mais saudável como parte das conseqüências dessa medicalização da alimentação, é um retrato desse período da história em que os alimentos não precisam ser apenas gostosos, mas desempenhar alguma função para a saúde, bem-estar e potencialização da energia humana.⁶ Comer deixou de ser apenas uma trivialidade, se é que algum dia o foi, e se tornou objeto de estudo de muitas ciências e profissionais. Pessoas, instituições, mídia e governo passaram a contribuir para que a ciência estivesse à mesa. Todo esse quadro nos ajuda a situar as atitudes dos atores bem como as causas por trás da rede de acusações que se forma entre eles.

O presente artigo é fruto de um investimento de pesquisa realizado visando desenvolver minha dissertação de mestrado, cujo objetivo foi analisar como é construído o gosto alimentar infantil entre crianças de 0 a 10 anos, avaliando as principais mudanças ocorridas no gosto ao longo da infância. Embora tenha realizado a pesquisa em Campos dos Goytacazes, muitos dos hábitos da cidade em questão lembram os de grandes cidades. Isto

⁵ A nova nutrição, nascida na virada do século XIX para o XX, baseava-se nos princípios da ciência química para dizer quais alimentos os trabalhadores deveriam comer para ter mais energia para o trabalho, sem aumentar gasto com o consumo de alimentos. A nova nutrição criou um novo consumidor capaz de reconhecer suas necessidades dentro de seus limites econômicos. (GRONOW, 1997, P. 7-8)

⁶ A mídia, ao veicular informações referentes ao saber médico-nutricional de forma acessível ao público leigo em geral, possibilitou o conhecimento de que sal, açúcar e gordura em excesso fazem mal, às pessoas com as mais diversas rendas e níveis educacionais. (FISCHLER, 1986; WARDE, 1997)

significa que as mudanças que vem sendo relatadas na mídia como processos resultantes da globalização e dos novos usos do tempo, além da medicalização da alimentação, afetam médias e grandes cidades de forma semelhante, ainda que em proporções diferentes. Tais mudanças afetam diretamente a ordem social e o mundo do trabalho. A maioria das mulheres campistas entrou no mercado de trabalho em horário integral, embora seja possível perceber que muitas delas ainda suprimam sua vida profissional, momentaneamente, em função do filho recém chegado, com a justificativa de priorizar a educação e a saúde deste.⁷ Durante esse período, o homem é o único provedor da casa, situação que remete aos tempos pretéritos. No entanto, essa situação é cada vez mais rara. O comum é vermos crianças de 4 meses⁸, período em que se encerrava a licença maternidade, indo para as creches, enquanto as mães retornam ao mercado de trabalho.

I. O trabalho de campo

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, realizei as chamadas ‘entrevistas em profundidade’ com os principais atores que contribuem no processo de construção social do gosto, entre eles pais, avós, pediatras e nutricionistas. Babás e empregadas, além de instituições como a escola e a creche não foram contempladas na amostra.

<i>Atores</i>	<i>Quantidade de entrevistas</i>
Mães	44
Pais	2
Avós	5
Avô	1
Crianças	7
Pediatras	4
Nutricionistas	6

No entanto, coincidentemente, duas das mães entrevistadas já tinham atuado como babás e relataram, rapidamente, suas experiências. Optei pelas entrevistas porque elas me

⁷ Neste trecho, refiro-me às mulheres que deixam seus empregos durante os primeiros anos de vida da criança, mesmo sem garantia de consegui-los de volta quando acharem necessário. No entanto, a maioria das mulheres que entrevistei, afasta-se somente durante o período da licença maternidade para garantir a continuidade no emprego.

⁸ Embora já esteja em vigor a lei que conceda 6 meses de licença maternidade, no período em que essa pesquisa foi realizada, ela durava apenas 4 meses. Pediatras e nutricionistas entrevistados consideravam 4 meses insuficientes para a provisão do aleitamento materno exclusivo que, de acordo com a OMS, deve durar 6 meses.

permitiam ter uma amostra maior de famílias, o que julguei necessário, considerando a amplitude do tema. Dessa forma, não foi uma etnografia no sentido tradicional do termo, em que a minha presença observando o cotidiano dessas crianças, especialmente durante suas refeições, seria necessária. Não obstante, complementando os dados obtidos nas entrevistas, realizei um breve período de observação participante que veio a confirmar os relatos previamente apresentados pelos atores.

Os 4 pediatras entrevistados tinham uma longa experiência em ambulatórios e consultórios. As 6 nutricionistas tinham experiências variadas. Entre elas estão: profissionais que atuam orientando o cardápio de creches particulares e públicas; uma funcionária municipal que coordena projetos em torno da merenda escolar das escolas sob a administração da prefeitura; uma professora da graduação em Nutrição, atuação em hospitais públicos, incluindo os ambulatórios pediátricos e os bancos de leite, e atendimento em consultório particular.

II. Os atores da construção social do gosto alimentar infantil: da gestação aos primeiros círculos sociais

Os atores são pessoas que influenciam na formação do gosto alimentar da criança e que provocam um impacto nesse processo de educação nutricional, direta ou indiretamente, tanto em casa quanto nos círculos sociais mais amplos. A família, os médicos, as nutricionistas, as babás, as empregadas e até mesmo as instituições como a creche e a escola estão entre os mais importantes.⁹ Embora os atores sejam diversos, os pais e os ‘colegas de escola’ exercem uma influência que supera os demais, provavelmente pela sua presença constante no cotidiano das crianças.

As relações nas quais esses atores se envolvem, em razão da alimentação da criança, não são isentas de conflito. Há uma rede de acusações cujo pano de fundo é um determinado ideal de alimentação infantil que podemos definir como “saudável”, bem como outras formas de relacionamento entre eles. Há atores cuja influência é intermediada pela colaboração dos pais em casa, como o caso dos pediatras e nutricionistas. Entretanto, há outros que fogem ao

⁹ Sobre a família é importante dizer que a influência majoritária aqui é dos pais, seguidos pelos avós. Irmãos não foram citados como atores que desempenham uma influência na alimentação das crianças. Sua figura era mencionada pelos pais para formular comparações, mas não para analisar sua influência. Contudo, isso não exclui a possibilidade de irmãos se influenciarem mutuamente.

controle dos pais, como o convívio com os ‘colegas de escola’ e as experiências adquiridas no ambiente escolar.¹⁰

II. 1. Quais são os atores?

“Eu só trabalho aqui à tarde. Tenho três filhos pequenos e não posso deixar tudo na mão de outra pessoa. Eu quis isso pra mim. (...) Eu tive que assumir que sou dona de casa de manhã e dentista à tarde. Eu costumo dizer que sou dentista nas horas vagas e mãe 25 horas por dia. Minha vida profissional é abalada, mas no futuro eu sei os frutos que eu vou colher.” Mãe (37 anos), 2 filhos (5; 4 anos) e 1 filha (2 anos)

Pais e mães influenciam a alimentação dos filhos de forma decisiva e, na opinião dos profissionais, de forma privilegiada, uma vez que acompanham o dia-a-dia desde o início, podendo incentivar e cortar determinadas manifestações desde o primeiro momento, tornando o processo de educação alimentar menos doloroso para pais e filhos.

Os avós são outra importante influência. Podem tomar conta dos netos enquanto os pais trabalham, morar em casas conjuntas ou convidar a família para o almoço dominical. Sua influência pode ser direta ao cuidarem da criança e/ou dando dicas para seus filhos no período da gestação dos netos. De forma indireta, também se fazem presentes, considerando que a forma como os pais conduzem a alimentação de seus filhos está imersa nos conhecimentos e lembranças de seu período de infância, tanto no que considera positivo quanto negativo.

Além dos pais e avós, há os profissionais que, de uma forma ou de outra, influenciam a alimentação das crianças, estando entre eles os pediatras, nutricionistas, psicólogos, professores, entre outros, apresentando recomendações em programas de televisão e escolas. Neste artigo, veremos apenas a atuação dos dois primeiros tipos de profissionais, tanto pelo seu ponto de vista quanto o que os pais dizem sobre eles. Ambos são os profissionais mais influentes na alimentação infantil na área de saúde alimentar. Em meio ao turbilhão de informações sobre alimentação infantil em livros, revistas, internet, televisão, o pediatra aparece como a figura do saber legítimo e confiável, a autoridade final sobre alimentação nesses primeiros anos de vida.

Na prática cotidiana, os relatos demonstram que é comum encontrarmos uma combinação entre o que as mães acreditam e o que os pediatras recomendam. No entanto, até mesmo para as que são mães pela segunda vez, costuma haver uma insegurança que as leva a seguir à risca todos os conselhos do pediatra, especialmente em situações como: quando

¹⁰ Vizinhos, amigos e parentes influenciam com menor intensidade e frequência, embora em alguns casos sua atuação seja considerável.

inserir determinados alimentos, como conduzir o desmame, até quando forçar ou não determinados alimentos que a criança rejeita.

Os nutricionistas, por seu turno, não costumam ter contato com os pais nessa fase inicial, a não ser em ambulatórios¹¹. Nos consultórios, mesmo com todo o alarde sobre a importância de se conduzir uma alimentação saudável desde cedo, a atuação dos nutricionistas é mais remediando do que prevenindo. As crianças atendidas estão, em sua maioria, com sobrepeso.¹² Eis uma das maiores dificuldades que eles conferem a sua profissão: a reeducação alimentar de crianças que comem em grandes quantidades, ou com alta frequência, alimentos com baixo valor nutricional e excesso calórico, as famosas ‘porcarias’.

“Já fomos a uma nutricionista. (...) É muito difícil mudar os hábitos dele porque ele come em quantidade, ele gosta muito de comer. Ele tem que mudar mesmo. Ela não quer que ele tome refrigerante, mas eu ainda não consegui tirar. Ele sabe o que pode e o que não pode, mas ele gosta mais do que não pode. Ele está conseguindo manter, mas não perder peso. Mas ele já mudou um pouco. Ele nada e faz vôlei, mas é duas vezes por semana. Eu ainda acho pouco.” Mãe (40 anos), 1 filho (9 anos) e 1 filha (6 anos)

Isso reflete o atual quadro da alimentação onde o gosto predomina sobre a saúde na escolha alimentar das crianças, ou para as crianças. Embora muitas mães estejam pautadas nos conselhos gerais sobre alimentação saudável, ao preparar a comida dos seus filhos, o gosto da criança é o pano de fundo sobre o qual a mãe pode tentar achar brechas para melhorar a alimentação sem, contudo, ferir o gosto.

Juntamente aos atores acima mencionados estão as creches e escolas, que muito contribuem para a formação do gosto alimentar infantil, não só pelo seu caráter pedagógico, mas pelas novas experiências que proporcionam ao possibilitar à criança o convívio com vários ‘colegas’. Quanto às mudanças advindas com o investimento educacional dessas instituições há uma valoração diferente para cada uma delas. No geral, às mudanças ocorridas ao entrar na creche é inculcado um valor positivo, por estimular a autonomia das crianças, levando-as a comer sozinhas e a comer melhor a ‘comida de panela’, enquanto na escola ela aprende ‘tudo de errado’, referência direta à entrada das ‘porcarias’.

¹¹ De acordo com os nutricionistas muitas crianças são hospitalizadas por gastroenterites, especialmente as alimentadas com leite artificial e que estão nos estratos sociais menos favorecidos

¹² Todos os profissionais entrevistados chamaram a atenção para aspectos da sociedade moderna que interferem negativamente na alimentação cotidiana, tanto dos adultos quanto das crianças. As atuais brincadeiras infantis envolvem cada vez menos esforço, como computadores e videogames, o que aumenta o sedentarismo. Por conseguinte, são também consideradas um dos fatores que contribuem para a obesidade infantil, considerada hoje um problema nacional. Nas últimas décadas, o Brasil passou por uma transição nutricional caracterizada pela diminuição da desnutrição e, por outro lado, o aumento da obesidade.

Finalmente, as babás e empregadas, responsáveis por alimentar as crianças na ausência dos pais. São figuras importantes considerando que, com a dupla jornada feminina, elas ficam responsáveis por preparar e alimentar as crianças. São elogiadas pelo cuidado com a alimentação, ou criticadas por não levarem em conta as orientações das mães, ou mesmo por tomarem atitudes por conta própria que estão em desacordo com os ideais da mãe.

A satisfação ou não das mães com as babás e empregadas depende também dos comportamentos que a criança aprende com essas profissionais. Ouvi alguns relatos de mães que elogiaram a forma como a condução da alimentação das crianças por esses atores foi bem feita. Abaixo, segue um exemplo.

“É ela que cozinha e dá a comida para eles. Cuido de manter em casa uma variedade de carnes, até carne de rã. Peixe uma vez por semana, ovo uma vez por semana... Orienta o cardápio, mas a prática de ver comendo e alimentar é da babá. (...) Ela me ligava e dizia que eles acordaram e queriam mamar. Eu saía da loja, ia em casa rapidinho e voltava. (...) Sou muito satisfeita com ela. Ela se preocupa. Eu até brinco com ela: ‘Eu só libero pra você ter filhos depois que você criar os meus’.” Mãe (30 anos), 1 filho (4 anos) e 1 filha (2 anos)

O final deste relato é a prova de que as babás e empregadas podem ser consideradas, em parte, ‘membros da família’. Por estarem tanto tempo com as crianças, podem inculcar nelas hábitos que os pais não conseguem ter por eles mesmos. Elas podem adquirir o respeito das crianças de tal forma que as mães sejam poupadas do estresse que perpassa muitas das refeições, não apenas por não serem elas as responsáveis por estarem ali, ‘fazendo com que comam’, mas também pela segurança de ter uma pessoa tão responsável, cujo comportamento ao ensinar as crianças a comer está de acordo com as expectativas ou as supere. Contudo, o relato acima é o ideal de muitas mães, mas não é o que ocorre na maioria dos casos.

II. 2. A rede de acusações

II. 2. 1. - ‘Dando o exemplo’

Em muitos casos, gosto e hábito foram dois conceitos usados para situações idênticas, o que me obrigava a perguntar se a situação se referia mesmo ao gosto, ou ao hábito. Considerando verdade o que se supõe, que tendemos a gostar daquilo que fomos habituados, (WARDE, 1997) os pais realmente são figuras privilegiadas ao estimularem a aquisição de hábitos pelos seus filhos.

Para os profissionais, um dos maiores trunfos dos pais na construção social do gosto alimentar é que possuem a oportunidade de estimular ou corrigir os hábitos que a criança

começa a manifestar desde o primeiro momento. Por coincidência, encontrei um endocrinologista falando sobre o problema da obesidade infantil, responsabilizando diretamente a figura da mãe, no programa da Olga Bongiovani¹³ em 14/01/08. Quando a apresentadora relata como muitas mães reclamam dos maus hábitos alimentares de seus filhos, o endocrinologista é bem direto. *‘As mães que me desculpem, mas a culpa é delas.’* O caráter definidor dos hábitos apresentados à criança logo no início da alimentação sólida é ressaltado. O exemplo, para esse profissional é, portanto, o caminho para o comportamento alimentar posterior.

Nem todos os pais, contudo, tomam essa atitude. Muitos preferem deixar a criança decidir por si, o que varia não apenas com a concepção de liberdade e autonomia que os pais crêem que a criança deve ter, mas com a idade da criança.

Algumas crenças sobre a alimentação perpassam essa rede de acusações e a principal delas é o famoso ‘dar o exemplo’. Muitos, entre pais e profissionais, afirmaram que as crianças aprendem pelo ‘exemplo’, considerando a tendência à imitação do comportamento dos que lhe são próximos. Suas conseqüências podem ser positivas ou negativas.

No geral, efetivamente, parece que as crianças adquirem os hábitos da casa em que mora com facilidade. Mas, como não poderia deixar de ser, há manifestações individuais de gosto diferenciando as crianças tanto dos pais quanto entre si.

“Tudo que a gente está comendo, ele pede. E a gente dá. Lá em casa a gente tem uma alimentação equilibrada. Então a gente já está nesse ritmo.”
Mãe (26 anos), 1 filho (3 anos)

“O correto seria dar uma alimentação balanceada, com legumes, verduras... mas ela não gosta. (...) A primeira coisa que você tem que fazer é dar o exemplo, mas eu também não gosto.” Mãe (30 anos), 1 filha (6 anos)

Essas citações dizem respeito ao ‘exemplo’ que traz conseqüências, e estas foram vinculadas, no discurso, ao comportamento observado nos pais. Entretanto, o ‘exemplo’ não é certeza de transmissão de hábitos aos filhos. Alguns pais discordam da influência absoluta do ‘exemplo’ na definição do comportamento alimentar dos filhos, justificando que embora comam de tudo, seus filhos não os acompanham. Outra forte justificativa para corroborar a relatividade da influência do ‘exemplo’ na prática, é que irmãos submetidos ao mesmo ‘exemplo’ podem desenvolver hábitos diversificados.

¹³ Programa veiculado pela Rede TV das 9h às 11h45min da manhã, de segunda a sexta-feira.

Mesmo com argumentos prós e contras, o poder do ‘dar o exemplo’ ainda é considerado muito forte. De qualquer forma, seja através do ‘exemplo’, seja pelo incentivo cuidadoso e diário a algum comportamento alimentar específico, os pais reconhecem, consciente ou inconscientemente, o papel que desempenham na educação alimentar de seus filhos, embora reconheçam, também, que essa influência esbarra na individualidade dos filhos. Por essa razão, independente dos esforços dos pais, o resultado não é previsível. Encontrei crianças cujos próprios pais se admiram com o comportamento alimentar, por serem diferente deles, demonstrando-se mais dispostas para comer legumes, verduras e frutas, o que também demonstra que o ‘exemplo’ não somente ocorre de cima para baixo, mas também na direção contrária.

É interessante notar que, embora alguns pais não acreditem ter muito controle sobre as preferências alimentares de seus filhos, o esforço para que sua influência seja levada em consideração é intensa. Há todo um planejamento sobre o que fazer e o que não fazer para que os hábitos alimentares de seus filhos resultem como planejados.

Dessa forma, alguns pais, conscientes de sua influência, tentam burlar o ‘exemplo’ negativo que possam vir a demonstrar, na esperança que seu filho tenha uma experiência diferente. No geral, os pais assumem que o ‘exemplo’ funciona, ao afirmarem que seus filhos têm hábitos semelhantes aos seus, corroborando a idéia de que as crianças, quando mais novas, aprendem muito por imitação.

Embora os diversos conselhos e interferências de terceiros – estando entre esses, tios, primos, cunhados, madrinhas, vizinhos, amigos, entre outros – sejam muito freqüentes, os outros membros da família apresentam uma influência menor, comparada a dos pais e avós que moram com as crianças. Os próprios irmãos não apareceram no discurso como atores de muita influência sobre a criança. Entretanto, alguns pais relataram que os filhos menores queriam comer o que os irmãos comiam, comportamento comum às crianças pequenas com qualquer pessoa que esteja comendo próximo a elas.¹⁴

II. 2. 2. O comportamento das avós

¹⁴ Com relação aos irmãos, há tanto a possibilidade de imitação, de querer se distinguir entre eles perante os pais ou de se rebelar contra estes, ao recusar o consumo de determinados alimentos que os pais consideram necessários. Quaisquer das atitudes podem ter o intuito de chamar a atenção dos pais, especialmente da mãe. A alimentação, sendo a primeira esfera de escolha da criança, torna-se o palco de muitas manipulações das crianças para com os pais.

Sobre a relação das crianças com os avós, especialmente as avós, duas são as possibilidades. As avós que forçam a comer de acordo com seus padrões de uma alimentação saudável e as que mimam. O último caso é mais comum.

“Eu trabalhava, ele ficava com a minha mãe. E vó dá o que a criança quer, né? ‘Mãe com açúcar’.” Mãe (42 anos), 3 filhos (19; 11; 2 anos)

O desconforto das mães com o comportamento das avós com os netos é evidente. O uso dos termos ‘mima’, ‘estraga’, ‘deseduca’¹⁵ é um sinal das tensões que perpassam essa relação. Esse excesso de mimo é reconhecido também por uma das avós entrevistadas.

“Vó faz todas as vontades. Tudo que quer, pede. Essas coisas acontecem. Eles ficam com a gente lá no calçadão após a babá ir embora e aí é difícil controlar, porque os próprios vizinhos ficam fazendo agrado com comida, balinha. O prazer deles é esse. Eles acham lindo Luana chegar e falar ‘bala, bala...’ Aí acaba descontrolando, porque chega em casa e não quer jantar. (...) E a gente nessa idade não tem muita paciência. Pedem e a gente logo dá. É assim, a gente acaba fazendo uma vontade que é errada. Sempre querem pipoca, um doce, outro salgado... Minha filha está longe e não está vendo. Então, acabo cedendo.” Avó (64 anos), 5 netos com menos de 7 anos, e 2 netos adolescentes

Embora a casa da avó seja reconhecida como um lugar de mais liberdade do que a própria casa há avós que cobram mais do que os próprios pais. Essas seriam as avós que insistem com os netos para comer comida ‘com sustância’, normalmente as ‘comidas de panela’, porque acham excessiva a quantidade de industrializados que as crianças de hoje ingerem. Muitas dessas avós mais rígidas são aqueles que foram acostumadas com alimentos frescos, comprados na feira ou cultivados em casa. Embora em menor número, há relatos de influências positivas das avós na alimentação dos netos.

A maioria das mães diz não dispor de tempo suficiente para cuidar da alimentação dos filhos como gostariam. Os avós, por outro lado, em sua maioria aposentados, conseguem investir mais tempo no convencimento da criança.

Numa outra direção, alguns destes avós que incentivam o consumo de alimentos mais saudáveis podem ter crenças equivocadas sobre essa saudabilidade. A compreensão do ‘comer

¹⁵ Esse tipo de comportamento das avós, contudo, não é tão freqüente entre aqueles avós que moram na mesma casa que a criança, lidando com a rotina da educação alimentar diariamente. Os que lidam com a criança querendo ‘fazer agrados’ com um doce, por exemplo, são os que as vêem ocasionalmente.

bem’ como ‘comer muito’, que a nutrição moderna já pôs em cheque, ainda é freqüente. Muitos avós, e também alguns pais, ainda consideram aquele prato de comida enorme um sinal de saúde. A criança de rostinho redondo e rosado é considerada saudável ao invés de uma pessoa mais propensa a desenvolver obesidade.

As tensões ocorrem porque as mães não concordam com as avós quando estas incentivam um consumo de comida maior do que o necessário e desejável para as crianças. Há ainda outro relato em que a situação se inverte, onde é a avó que reclama do comportamento de sua nora por essa consumir *fast food* e levar seu filho consigo. O que se subentende também, nessa situação em particular, é a ‘ausência de moral’ dessa mãe, caso venha a cobrar uma alimentação ideal de seu filho, quando ela mesma não tem. Considerando esse comportamento, penso que haja uma divergência entre mãe e avó no que se entende por ‘alimentação ideal’ ou não, sendo nesse caso, uma divergência na adesão voluntária às práticas alimentares que contradizem o discurso.

Assim, a maioria das acusações recai sobre o excesso de mimo das avós com os netos, mas também partem das avós em relação as suas filhas ou noras. A solução desse, bem como dos demais conflitos, parece estar longe.

II. 2. 3. Os profissionais

Quanto às acusações dos pais aos pediatras e vice-versa temos um vai-e-vem não muito diferente do que acontece com mães e avós. Os pediatras entrevistados relataram que os pais não demonstram muita curiosidade quanto ao que fazer para o melhor desenvolvimento da alimentação das crianças. Por outro lado, algumas mães reclamaram da pouca ou inexistente atenção que os pediatras dão à alimentação durante a consulta médica. De acordo com essas mães, o assunto vem à tona apenas quando elas apresentam dúvidas.¹⁶ O relato de uma delas, por exemplo, mostra como o macro tempo social, o ‘*não ter tempo a perder*’, teve uma conseqüência nas consultas pediátricas de oito anos para cá.¹⁷

“Os pediatras não perdem muito tempo com isso hoje. Eu acho muito ruim. Por exemplo, a Cecília tinha uma pediatra que passou uma sopinha, tudo direitinho. Hoje eu já pedi a dois, mas eles não fazem. Eles dizem ‘Ah mãe, você faz a combinação do vegetal A com o vegetal B.’ Ao invés de você

¹⁶ Considero razoável escrever ‘mães’, generalizando uma realidade dos consultórios pediátricos, pouco freqüentado por crianças acompanhadas apenas pelos pais, de acordo com a experiência dos profissionais entrevistados.

¹⁷ Os 8 anos se referem à diferença de idade entre suas filhas, parâmetro de comparação que ela tem para exemplificar as modificações por ela percebidas na atenção dispensada à alimentação na consulta pediátrica.

colocar a batata, coloca o inhame. Se colocar cenoura, não coloca abóbora. Eu acho complicado pra gente entender com essa linguagem. Eu queria que ele desse aquela tabelinha de nutrição mesmo.” Mãe (33 anos), 2 filhas (8 anos: 1 ano)

Para essa mãe, os ‘*usos do tempo*’ se modificaram. O problema surge porque, de fato, essa mudança ocorreu não somente para os profissionais, mas também para os pais. Agora, estes também precisam das informações bem processadas, levando-os a gastar menos tempo ao executar as tarefas demandadas pela criação dos filhos. Portanto, ao explicitar a dificuldade em compreender a linguagem médica, essa mãe sinaliza um problema referente à praticidade ao ter que organizar a alimentação da sua filha pensando nos termos de vegetais A, B e C.

Com relação aos nutricionistas, as acusações vão destes em direção aos pais, que não ensinam as crianças a lidar de forma adequada com a comida. Para estes profissionais, comer ‘da forma adequada’ significa escolher os alimentos de acordo com as necessidades de ingestão diária, a partir da composição nutricional do alimento e, também, em certa medida, do apetite. As crianças teriam, assim, menos probabilidades de desenvolver distúrbios ou outras relações com a comida que envolva comer por ansiedade, comer porque a comida tem uma boa aparência ou porque não há nada melhor para fazer. A crítica dos nutricionistas dirigida aos pais ocorre pelo excesso de alimentos industrializados na rotina alimentar das crianças. O aumento da obesidade infantil no Brasil, nas últimas décadas, é remetido a essa prática alimentar combinada ao sedentarismo, proporcionado pelo lazer que se resume a sentar na frente de um aparelho eletro-eletrônico, seja ele a televisão, o videogame ou o computador.

Outra crítica dos profissionais é quanto à falta de prevenção à obesidade. Afirmam que os pais vão ao consultório para tentar sanar um problema já evidente. A alteração dos hábitos para a criança é muito difícil, especialmente quando a casa não colabora. No entanto, na maioria dos casos, os pais aceitam reformular o cardápio da casa em prol do restabelecimento da saúde da criança.¹⁸

Quando os profissionais não responsabilizam inteiramente os pais, eles lembram a ‘covardia’ do turbilhão de propagandas dirigidas às crianças cotidianamente, seja no intervalo dos desenhos animados, seja em outdoors. O maior problema seria que as propagandas criam

¹⁸ Em um esforço de prevenção contra obesidade infantil, algumas escolas particulares contratam nutricionistas para se encarregar de seu cardápio. Especialmente as creches, hoje, contam com a prestação de serviços de um profissional dessa área. Outra opção são as palestras ocasionais ministradas por nutricionistas nas escolas. Entretanto, não são percebidos muitos resultados destes esforços ocasionais dos profissionais que não estão lidando com a criança cotidianamente.

desejos em crianças que ainda não estão completamente maduras para discernir nesses anúncios o que é necessário, útil, viável, saudável. Os recursos da indústria alimentícia como a venda casada¹⁹, que se faz presente nos brindes acoplados a alimentos, sejam eles brinquedos ou outros alimentos que acompanham o principal conteúdo da venda, são bastante criticados. Quanto à indústria alimentícia, poderíamos considerá-la por si só, um ator na construção social do gosto, ao apresentar novos alimentos às crianças. As crianças cedem aos atrativos da indústria e procuram as redes de *fast food*, não somente como um lugar para comer, mas também para brincar. Os atrativos da indústria alimentícia, além dos que seduzem especialmente as crianças, como as embalagens, têm um diferencial na preparação rápida e fácil que incentiva os pais a cederem voluntária, ou involuntariamente, em razão da ‘correria’ da vida cotidiana.

Não obstante, a indústria alimentícia seja considerada uma grande vilã, é sobre os ‘colegas de escola’ que recai a maior responsabilidade pelo incentivo ao consumo das ‘porcarias’.²⁰

A idade na qual uma das pediatras entrevistadas relata a manifestação das vontades da criança e, conseqüentemente, o aumento da dificuldade dos pais em controlar os filhos, é o início da vida escolar, período no qual pediatras e nutricionistas aconselham os pais a redobrar a atenção. Para a pediatra, os ‘colegas de escola’ terão um impacto grande na alimentação das crianças ao serem consumidores das ‘porcarias’, o que ela chama de ‘coisas artificiais’. O cuidado inicial com a alimentação da criança seria crucial por duas razões. A primeira, porque caso os pais não consigam desenvolver uma educação nutricional adequada com a criança, ao menos nos dois ou três primeiros anos de vida essa criança terá desenvolvido uma alimentação ‘reforçada’, saudável, garantindo-lhe o bom desenvolvimento subsequente. A segunda, porque embora as crianças tenham uma tendência a apreciar mais as ‘coisas artificiais’, elas terão menos chances de excluir por completo os alimentos ‘saudáveis’, se estes já estiverem no seu prato desde muito novas. Por essa razão, além da responsabilidade dos pais, pediatras e nutricionistas crêem ser também parte do papel da creche e da escola estimular a alimentação saudável.

O comportamento dos pais nos primeiros anos de vida da criança é outro motivo pelo qual pediatras e nutricionistas os responsabilizam pela forma e conteúdo da alimentação de

¹⁹ “Entende-se por venda casada, a prática comercial em que o fornecedor condiciona a venda de um produto ou serviço, à aquisição de outro produto ou serviço.” Ver <http://www.direitonet.com.br/artigos/x/25/13/2513/>

²⁰ A valoração destas ‘porcarias’ por alguns profissionais, varia, não apenas pelos ingredientes, pela quantidade e pelos horários nos quais são ingeridas, mas também de acordo com a idade da criança.

seus filhos. Se formos observar os relatos desses profissionais, as reclamações que eles têm quanto às atitudes dos pais, que refletem no comportamento alimentar da criança, são oriundas de escolhas que os pais tomaram nos dois, três primeiros anos de vida da criança. Esse reconhecimento não exclui seus relatos sobre a entrada na escola como um momento em que os hábitos anteriores começam a mudar. Os profissionais ainda chamaram a atenção para outros dois fatores que podem fugir do controle a partir de equívocos dos pais. Na ausência de limites, influências externas como propaganda e a procura por status por meio da alimentação²¹ podem se desenvolver de forma preocupante.

Embora as críticas às propagandas da indústria alimentícia sejam recorrentes, os profissionais reconhecem, também, o outro lado da mídia no processo de educação alimentar, ao difundir informações acerca de alimentação e saúde.²² Embora as mudanças na prática cotidiana ainda estejam longe do ideal, as gerações que estão sendo educadas agora já estão sob a influência desse discurso, seja em casa, em programas de TV e em trabalhos escolares.

Para uma das nutricionistas entrevistadas, muito mais do que preferências ou rejeições de origem biológica, são os estímulos familiares que orientam a formação do gosto. Embora alguns pais, pediatras e nutricionistas reconheçam a existência de rejeições alimentares biológicas, a maioria afirma que tudo que se der a um bebê ele aceitará, porque ele não conhece ‘gosto’ como os adultos. O problema seria que os adultos pensam nas reações dos bebês de acordo com uma lógica de ‘gosto’ pessoal.²³

O prazer alimentar, considerado fundamental por todos os atores, só não deveria ser privilegiado quando começar a oferecer algum risco à saúde. Considerando que, para os profissionais, o gosto é majoritariamente construído por meio da atuação dos pais e que a

²¹ Em alguns casos, o problema é devido ao comportamento dos próprios pais, como aqueles que querem comprar *danoninho* para os filhos o mais cedo possível, segundo uma pediatra, por motivo de status. Ela não vê outra possibilidade para justificar ‘*esse sacrifício*’²¹, a não ser *status*, poder, para dizer e mostrar que pode comprar, considerando que a criança está em uma idade em que ainda não manifesta sua vontade.

²² A Semana Mundial da Amamentação, exemplo de propaganda governamental realizada anualmente contribui para a difusão de informações cruciais a todas as mães, das mais diversas faixas etárias, classes sociais e regiões, acerca da importância do aleitamento materno, o que é um avanço do ponto de vista dos pediatras e nutricionistas. Ela é uma iniciativa da Aliança Mundial para Ação em Aleitamento Materno (WABA), concebida em 1992 com o objetivo de promover, proteger e apoiar o aleitamento materno. De acordo com os profissionais, umas das principais razões do desmame precoce é o retorno ao mercado de trabalho. O cansaço e a impossibilidade de ter um trabalho melhor, retirando o leite para armazenar enquanto outra pessoa fica encarregada de dar à criança, também são outros fatores recorrentes. Dessa forma, o aleitamento materno dificilmente é ministrado até os seis meses, idade mínima para o desmame de acordo com a Organização Mundial de Saúde.

²³ Por exemplo, bebês suportam leite materno que, considerando nossos (dos adultos) critérios de algo saboroso, está fora de qualquer parâmetro. É frequentemente relatado como algo ‘horrível’. Pelo mesmo motivo, os profissionais desaconselham adoçar a mamadeira, porque, supõe-se que se a criança não conhece o açúcar como nós. Portanto, para elas, não haveria sacrifício em tomá-la sem açúcar. Adoçá-la só aumenta o número de cáries precocemente e acostuma as crianças desde cedo a gostar de doces.

criança sempre se adaptará ao que a família lhe apresenta, caberia a eles estimular seus filhos desde cedo a experimentarem de tudo. Dessa forma, habituar-se-iam aos mais diversos alimentos, trilhando o caminho para um prazer alimentar que seja, também, saudável.

Como disse um dos pediatras, ele não trabalha sozinho. Se não contar com o compromisso dos pais em fazer o possível em casa para que a criança siga as orientações dele, é provável que seus conselhos se esvaíam rapidamente. Dessa forma, eles responsabilizam os pais pela quantidade de ‘porcarias’ que as crianças comem, pelo mau exemplo apresentado dentro de casa, quando eles mesmos – os próprios pais – consomem ‘porcarias’ e outros alimentos ricos em gorduras ou outras substâncias nocivas em excesso e que, embora categorizadas fora das ‘porcarias’, também estão fora dos padrões de uma alimentação saudável.

II. 2. 4. As instituições: a creche e a escola

Na maioria dos relatos, a creche aparece no seu papel de estimular novas experiências alimentares, contrapondo e/ou enfraquecendo o ‘Nunca comi, mas não gosto’ recorrente em casa. Além disso, ela estimula a autonomia da criança e a coordenação motora, ao não ter uma profissional para ‘dar a comida’ na boca de cada uma das crianças exclusivamente. Portanto, a primeira socialização com os ‘colegas’ estimula a independência da criança, tendendo a diminuir, a partir daí, o ‘trabalho’ que elas dão para comer, o que é excelente do ponto de vista dos pais. A creche, particularmente, vem sendo reconhecida por sua participação no desenvolvimento da curiosidade alimentar das crianças e na melhora da disposição para comer ‘comida de panela’²⁴. Faz sentido que seja uma das principais questões mencionadas pelos pais: o aumento da autonomia da criança e sua desenvoltura para comer melhor alimentos que antes não eram atrativos a ela. Na idade em que as crianças vão para a creche, o que hoje ocorre cada vez mais cedo – com poucos meses de idade – a percepção do aumento da autonomia da criança é um ponto muito positivo para os pais. É estimulado e apreciado, não somente por perceberem o desenvolvimento da criança, mas por se liberarem de um trabalho a mais, o de ter que dar a comida na boca da criança, seja por dependência ou para satisfazer um desejo do filho na hora da refeição.

Contudo, em outro momento, em que todas essas mudanças já se estabeleceram e, portanto, não estão no foco, surge outro estágio de desenvolvimento, em que a curiosidade, as

²⁴ Mesmo as creches particulares desenvolvem um cardápio alimentar especial para as crianças, e como muitas permanecem na instituição em horário integral, almoçam ‘comida de panela’ no refeitório, com os ‘colegas’.

novas descobertas, e a vontade de fazer parte do grupo dos ‘coleguinhas’ se manifesta como uma característica negativa para os pais. E esse momento é a entrada na escola.

“Começou a querer comer o que o ‘coleguinha’ comia.

B: Melhorou ou piorou?

S: Piorou. Sempre tem encontro com pais e professores e frisa muito alimentação. Vem recados na agenda pedindo pra evitar levar certos lanches. A escola recomenda levar bolo, frutas, suco, pra ajudar a criança a se alimentar melhor. A gente tenta fazer isso, mas outras crianças levam outras coisas. Aí não adianta ‘Eu coloco iogurte, geléia... Ele vai e tira. Porque eu procuro comprar coisas saudáveis, mas também compro as porcarias, que são cheetos, fandangos, que querem levar de vez em quando. Às vezes, o que tem não quer levar, aí chora. Aí eu acabo dando o que não é certo. Até que ele estava levando direto porque não queria levar biscoito. Mas aí eu falei ‘não vai ficar levando direto que faz mal’. Até a professora pediu ‘Ricardo está trazendo muito fandangos pro colégio. Não é certo.’ Eu falei com ele: ‘Ricardo, não pode. Titia disse que não é certo.’ Aí ele obedeceu. ‘Uma vez ou outra eu posso?’ ‘Uma vez ou outra pode.’ Mas eles pedem pra evitar essas coisas.”
Mãe (33 anos), 2 filhas (12; 9 anos) e 1 filho (4 anos)

O relato desta mãe, além de mostrar como a escola como instituição pedagógica vem interferindo na orientação da merenda escolar, ilustra uma situação comum. Pais tentam fazer com que seus filhos levem lanches mais saudáveis, mas com o tempo, são vencidos pelo cansaço, pela insistência das crianças em levar as porcarias. Isso, em parte, porque responsabilizam os demais ‘coleguinhas’ e, por consequência, os pais deles, por deixarem que eles levem as ‘porcarias’, estimulando as demais crianças a quererem consumi-las também. Por outro lado, essa mãe reconhece que, apesar de tentar estimular um lanche mais saudável, desenvolve um comportamento idêntico ao dos outros pais que responsabiliza pelo lanche dos ‘colegas’ ao comprar as mesmas ‘porcarias’ para seus filhos. A frequência dessa criança levando o que era desaconselhado foi tanta que só diminuiu a partir do convencimento da criança pela mãe que foi chamada a atenção pela professora da criança.

Esses ‘colegas de escola’, depois da família, são os principais atores do processo de construção social do gosto ao longo de toda a infância. Eles são fundamentais como o primeiro grupo da socialização secundária da criança. Nele, a criança descobre o interesse por fazer parte de algo, adotando novas posturas e alterando o comportamento, inclusive com relação à alimentação. O que os pais entendem como ‘mudanças’ constantes no gosto da criança pode se referir tanto às novas experiências alimentares estimuladas pela mídia quanto à incansável curiosidade infantil pela descoberta e experiência do novo, compartilhada com esses ‘colegas’ cotidianamente.

Para a maioria das crianças, as experiências com os ‘colegas’ amplia o leque de possibilidades de alimentos, por vezes rejeitados pelos pais, como ‘fandangos’, refrigerantes e outras ‘porcarias’, por meio do mecanismo da troca de merenda. A prática da ‘troca de merenda’ é quase uma ‘instituição’ entre as crianças e é a porta de entrada de muitos dos novos alimentos que passam a ser objetos de desejo das crianças. São raras as crianças que se recusam a experimentar algo novo que as atraia, como a merenda dos colegas, que normalmente são produtos industrializados cuja embalagem lhes é atrativa. Diferentemente do comportamento das crianças com os pais, o ‘*Nunca comi, mas não gosto*’ perde muita força quando quem oferece são os colegas de escola. O conteúdo do lanche e a inclinação a terem juízos de gosto semelhantes aos deles faz com que as novas experiências gustativas adquiridas na infância, ocorram, predominantemente, no recreio escolar. É interessante perceber que, ao mesmo tempo em que as crianças querem se colocar como indivíduos perante os pais, fazendo valer sua vontade, na escola, ela se pauta no julgamento coletivo de gosto dos seus pares. Há um gosto individual, mas os pares da criança contribuem, e muito, para moldar os julgamentos individuais que levarão às mudanças desse gosto que, embora relativamente definido, está em constante mutação.²⁵

II. 2. 5. As babás e as empregadas

Com as babás, na maioria das vezes, as mães deixavam a comida pronta, ou era a empregada da casa a responsável pela preparação do alimento. Três razões me ocorrem para a mãe deixar a comida pronta. A primeira seria a insegurança de deixar a babá cozinhar²⁶, o que também poderia ser válido para a empregada, embora não seja o costume. A segunda, que a mãe raciocine de acordo com o pressuposto de que para demonstrar afeto, ela mesma deveria não somente preparar, mas também dar a comida à criança. A terceira seria que elas, assim como os demais atores, desenvolvem estratégias para lidar com as rejeições da criança e contribuem para criar hábitos. O resultado pode ser positivo ou negativo, o que também é válido para quaisquer dos demais atores.

Esse relato é surpreendente com relação à ‘rendição’ da mãe, ao hábito que, ao se dar conta, já estava internalizado pelo filho. Por ‘rendição’ não estou julgando a atitude da mãe, supondo que se houvesse resistência, as coisas seriam diferentes, ou seja, que seus filhos comeriam de acordo com o querer dos pais. Sem mais, vejam o que as mães relataram.

²⁵ A troca ainda acarreta outras mudanças. O aumento das despesas com a conta do supermercado em razão dos novos desejos alimentares das crianças é a principal delas.

²⁶ Esta insegurança, provavelmente, decorre da preocupação das mães com a forma com que a comida do bebê é elaborada, uma vez que não pode estar em casa observando o preparo ou fazendo ela mesma.

“Ela sempre comeu sozinha por conta da creche desde 2 aninhos. Chegou a precisar colocar a televisão pra se distrair. É um vício que até hoje eu brigo. Porque é criada por empregada né, babá. Sou contra comer assistindo televisão e ela sempre comeu assim a vida toda, até hoje. Era a minha briga com a babá e a empregada porque a criança já sabe comer sozinha. Há uns 2 anos atrás eu peguei a empregada dando a comida na boca dela. Eu reclamei e ela disse que era pra andar mais rápido. Isso me mata.” Mãe (33 anos), 2 filhas (8 anos; 1 ano)

Percebam que a lógica de que ‘não há tempo a perder’ também envolve o universo das babás e empregadas. Provavelmente, mais o das empregadas que o das babás, uma vez que as primeiras também são responsáveis pela arrumação da casa e por cozinhar. A lentidão das crianças no comer faz com que os diversos atores tentem burlá-la com várias estratégias. Entretanto, na tentativa de não cometer erros, é comum que as babás e as empregadas sigam à risca as orientações deixadas pelas mães.

A avaliação do desempenho dessas profissionais pelas mães perpassa não somente a forma como lidam com a alimentação da criança, considerando o asseio e a paciência, mas também o conteúdo das refeições que preparam. Com relação ao asseio, duas ou três mães mencionaram o ato de a babá ou empregada usar o mesmo talher para ela e para a criança como um comportamento inadmissível. Isto pode ser percebido como um problema que se relaciona à discussão sobre ‘Pureza e perigo’ (Douglas, 1991). A ‘poluição’, o perigo, pode se dar tanto pela falta de cuidado na escolha e preparo dos alimentos como pela contaminação por meio do contato da pessoa que estiver alimentando a criança.

Além desse problema, houve reclamações tanto sobre dar a comida na hora errada, causando um problema de disciplina ao não condicionar a criança aos horários determinados de cada refeição, quanto sobre a utilização de estratégias, alvo das críticas dos profissionais de saúde alimentar e também de alguns pais que já internalizaram o mesmo discurso.

Conclusão

Neste artigo, busquei apresentar a intrincada rede de relações que se forma entre os atores envolvidos na construção do gosto alimentar infantil. Resta-me agora apenas algumas considerações sobre o palco em que essas relações se encontram, o que ajuda a justificar o porquê de tantas tensões.

Os atores entrevistados manifestaram ter na busca pela saúde alimentar o ponto sobre o qual deveriam pautar as escolhas alimentares realizadas pelos pais, para as crianças. A

ideologia da alimentação saudável aparece como a mais evidente de todas, valorizada por todos os atores, embora a prática possa ser contrária a ela. Em razão de a prática estar longe do ideal, cria-se uma dúvida para os pais: ‘Até que ponto os pais devem impor sua vontade ou deixar a criança livre para escolher?’. A maioria dos pais que entrevistei, caso pudessem, ‘programariam’ seus filhos para só comer o que eles consideram adequado. Podemos compreender a delicadeza dessa questão a partir do princípio da ‘incorporação’ em Fischler. Seria como se a comida contaminasse quem a comesse, como a lógica da magia, partindo do princípio que a comida nos define, dizendo quem somos e quem não somos, onde nos encontramos ou separamos dos demais. (FISCHLER 1988, p. 280-281). Para ele, se ‘somos o que comemos’, como diz o ditado, uma vez disciplinando o nosso comer, controlaríamos também quem somos, no sentido fisiológico, psicológico e sócio-cultural, pois ao comer, incorporamos não apenas nutrientes, mas símbolos, identidades. (FISCHER, 1986, p. 949-950)

Para os profissionais, os equívocos dos pais no desenvolvimento dos hábitos alimentares são cometidos desde o primeiro ano de vida, mas as conseqüências só são sentidas posteriormente. A manifestação da autoridade dos pais – influenciando diretamente, a ‘incorporação’ – é incentivada pelos profissionais, uma vez que permitir uma liberdade excessiva precocemente pode causar prejuízos à alimentação futura, como o aparecimento de distúrbios alimentares e problemas de saúde.

Na prática, muitos pais demonstram um cansaço, uma ‘rendição’ à manifestação cada vez mais precoce dos desejos infantis e da insistência das crianças até conseguirem o que querem. Muitos pais partem do princípio de que uma vez formada a personalidade da criança, torna-se difícil negociar. Para pediatras e nutricionistas, é importante que elas aprendam a ter ‘limites’ desde cedo, que aprendam a ouvir ‘não’, que saibam lidar com a insatisfação. Para os pais, a situação sempre é complicada e demanda algum tipo de reflexão sobre os prós e contras de atender a criança.

Embora existam diversas fontes que ‘organizam’ nossos desejos de acordo com nosso lugar na sociedade, nossos papéis e nossos anseios, há uma valorização de expressões individuais do gosto como um traço de estilo personalizado e, por isso, diferenciado. Aquela criança que sabe o que quer, isto é, que demonstra ‘personalidade’ desde cedo, é admirada pelos adultos. Essa valorização da criança autônoma é decorrente do individualismo contemporâneo. Não obstante, é comum chegar um momento em que os próprios pais se fartam dos ‘quereres’ de seus filhos, quando a autonomia da criança começa a prejudicar a autoridade deles sobre ela. De qualquer forma, a família hoje ainda permanece sendo o

principal grupo social provendo a segurança financeira, material, além da segurança emocional, o sentir-se seguro e protegido, ao mesmo tempo em que oferece espaços para a livre expressão e crescimento da individualidade de cada um de seus membros.

Além de lidar com as questões de ‘imposição de limites X permitir a liberdade de escolha da criança’, os pais são orientados pelos profissionais a administrar o seu tempo de tal forma a poder dedicar mais atenção à alimentação dos filhos. Para os pais que não têm um empregado responsável por cuidar da alimentação, o que na minha amostra é a maioria, a praticidade adquirida ao optar por alimentos pré-preparados, como pizzas e empanados, que podem ser armazenados no freezer por longos períodos, é muito atrativa. Permito-me dizer, de acordo com as entrevistas que, de todas as mudanças por que passamos nos últimos anos, a que mais afetou a alimentação é o fato das pessoas ‘*não terem tempo a perder*’. A dupla jornada de trabalho feminina é uma das principais responsáveis pelos pais relatarem que não dá tempo para conduzir uma alimentação ideal, como os profissionais orientam. Embora conscientes dessa realidade, os conselhos dos profissionais ainda supõem que algum trabalho tem que ser dispensado para a condução de uma alimentação saudável. Esta implica o consumo de verduras, legumes e frutas, alimentos que não podem ser estocados, o que demanda uma frequência maior nas compras, e conseqüentemente, um gasto maior de tempo.

Por mais que haja uma difusão sem precedentes da preocupação em adquirir hábitos alimentares mais saudáveis, o que os profissionais vêm em seus consultórios não é reflexo disso. A maioria dos que entrevistei lidam com pessoas de classes populares e, como uma das nutricionistas comentou, ‘*Eles querem praticidade, como qualquer outra classe. Eles querem abrir a geladeira e achar pronto.*’ Para os profissionais é mais uma questão de vontade e decisão pessoal, o que não costumam ver com frequência, especialmente se não é um caso em que as mudanças são absolutamente necessárias, como os casos de obesidade infantil.

A vida cotidiana está mais rápida, o que nos impele a comer mais rápido, dedicando menos tempo não somente à preparação, mas também à apreciação dos alimentos (WARDE, 2000). Como nos mostra Barbosa (2007), essas mudanças na prática da rotina alimentar brasileira, deve-se às transformações sociais que forçam os indivíduos a reorganizarem suas práticas a partir do tempo disponível. A falta de tempo para que a família inteira se reúna na hora do almoço, em casa, é lamentada pelos pais. Até pouco tempo atrás isso era uma prática muito comum em Campos, inclusive o hábito de pôr a mesa para o lanche da tarde. Poucas são as casas que ainda conseguem manter esse hábito tradicional. Hoje, a ‘*correria*’ já deu os ares, o trânsito está mais intenso, os horários diferenciados, o que torna mais difícil a administração do tempo entre os membros da família.

A maioria das mães entrevistadas estão insatisfeitas com a alimentação de seus filhos, seja pela quantidade que eles comem, seja por não poderem dedicar mais tempo à cuidar dos alimentos que os filhos irão ingerir ou por não conseguirem promover uma educação nutricional em casa de tal forma que eles tenham uma alimentação saudável. “Seja o que Deus quiser. Ensinar a comer é difícil” é uma frase dita por uma das mães e ilustra o sentimento dos pais sobre a consciência da necessidade de mudança e, ao mesmo tempo, a angústia em não saber ‘como fazer’, por não terem tempo para fazer, ou ainda, por não conseguirem que seus esforços surtam efeito.

Muito do que a criança traz com ela, são hábitos dos quais, provavelmente, ela não tem muito controle. Não sabe como desenvolveu tais costumes. Por vezes, nem mesmo seus pais são capazes de justificá-los. Além dessa interação pessoal com o mundo, há o intenso laço com as demais crianças por meio dos grupos sociais que faz parte, principalmente na escola. Se, como relataram muitos pais, elas manifestam sua personalidade muito cedo, as crianças se reconhecem como seres que possuem determinado leque de escolhas e que sabem definir o que lhes atrai ou não. Na sua interação com os estímulos externos que recebe, ela tem em si diversos mecanismos para interpretar e incorporar todos os conselhos, obrigações, hábitos que lhe foram apresentados desde o ‘berço’. Creio que a isso também se referia Fischler (1986) com o processo de ‘incorporação’ e Berger e Luckmann (1976) com a tríade *objetividade* da realidade social, a *interiorização* dessa pelos atores que a vivem e a *exteriorização* da realidade que foi interiorizada, interpretada e, por vezes, ressignificada pelos atores em questão.

BIBLIOGRAFIA:

- ASSUNÇÃO, Viviane. *A comida na TV: as relações entre práticas alimentares e audiência de programas de culinária*. Disponível no CD da ABA-2006. GT 49.
- BARBOSA, Lívia. *Feijão com arroz e arroz com feijão: o Brasil no prato dos brasileiros*. Revista Horizontes Antropológicos. Antropologia e Consumo. Nº 28. Jul/Dez 2007. pp. 87-116
- BERGER, Peter L. LUCKMAN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- BLEIL, Susana Inez. *O padrão alimentar ocidental: considerações sobre a mudança de hábitos no Brasil*. Cadernos de Debates. São Paulo: NEPA/UNICAMP. V. VI, p.1-

25,1998. http://www.unicamp.br/nepa/arquivo_san/O_Padrao_Alimentar_Ocidental.pdf.
Capturado em 18/02/08.

CONTENTO, Isobel R. et alli. *Relationship of mothers' food choice criteria to food intake of preschool children: identification of family subgroups*. Health Education & Behavior 1993; 20; 243. Sage Publications. Disponível para download em: <http://heb.sagepub.com/cgi/content/abstract/20/2/243>. Capturado em 30/11/2007.

FISCHLER, Claude. *Learned versus 'Spontaneous' dietetics: french mothers' views of what children should eat*. Social Science Information, Sage Publications: 1986; 25; 945. Disponível para download em: <http://ssi.sagepub.com> Capturado em 30/11/2007.

GRONOW, Jukka. *The sociology of taste*. London and New York: Routledge. 1997.

LINN, Susan. *Crianças do consumo: a infância roubada*. Tradução Cristina Tognelli. São Paulo: Instituto Alana, 2006.

MIELNICZUK, Vivian Braga de Oliveira. *Gosto ou necessidade? Os significados da alimentação escolar no município de Rio de Janeiro*. Rio, Agosto 2005 – CPDA/UFRRJ

ROTENBERG, Sheila; DE VARGAS, Sonia. *Práticas alimentares e o cuidado da saúde: da alimentação da criança à alimentação da família*. Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil, vol.4, n. 1, 2004. http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1519-38292004000100008&script=sci_arttext&tlng=pt. Capturado em 18/02/08.

WARDE, Alan et alli. *Changes in the practice of eating: a comparative analysis of time-use*. Acta Sociologica 2007; 50; 363. Disponível para download em: <http://asj.sagepub.com/cgi/content/abstract/50/4/363> Capturado em 30/11/2007.

WARDE. Alan. *Consumption, food and taste: culinary antinomies and commodity culture*. London: Sage Publications, 1997.

ANEXO

<i>Renda familiar doméstica em salários</i>	<i>Quantidade de lares</i>
1 a 2	5
3 a 4	7
5 a 6	9
7 a 8	7
9 a 10	1
11 a 12	2
13 a 14	5
15 a 16	3
17 a 18	0
19 a 20	1
21 a 28	0
29 a 30	1

Quantidade de filhos por casal entrevistado

<i>Casais</i>	<i>Filhos</i>
19	1
16	2
4	3
0	4 ou mais